

OS ESPAÇOS PARA OS SUJEITOS NA MÍDIA: LUGARES DE RESISTÊNCIA?

DELA-SILVA, Silmara – UFF
(silmaradela@gmail.com)

Neste trabalho, tomamos como ponto de partida a noção de resistência em Michel Pêcheux para dar continuidade a nossas reflexões sobre a relação entre mídia, sujeito e sentidos na atualidade. Indagamo-nos sobre a possibilidade de pensar os espaços destinados à escrita dos sujeitos (leitores/internautas) na mídia – como as cartas de leitores e os comentários em *sites* de notícias – como lugares de resistência, espaços para o deslizamento de sentidos, para a ruptura em relação ao discurso uníssono das mídias tradicionais.

Não estamos considerando a resistência como o simples ato de resistir, de opor-se a, como em uma das acepções mais comuns do termo registrada nos dicionários. Com uma análise deste tipo, certamente poderíamos olhar para esses espaços na mídia como espaços possíveis para o sujeito leitor/internauta marcar uma posição outra que não aquela assumida por uma dada publicação. Afinal, se tomamos espaços como as cartas de leitores dos impressos considerados de referência, é corrente a publicação de distintas opiniões de leitores, em uma reafirmação da formação imaginária de imparcialidade, pautada pela proposta de apresentar diferentes pontos de vista sobre um determinado acontecimento jornalístico, que ainda hoje os impressos tendem a constituir para si. Assim poderíamos dizer que um leitor contrário a uma questão polêmica, por exemplo, que consegue fazer circular esta sua opinião em um jornal que, ainda de modo não declarado, posiciona-se contrariamente a ela, já seria exemplar da possibilidade de resistir. A questão é que assim não estaríamos analisando a resistência discursivamente, mas textualmente.

Para tentar compreender a resistência no discurso, tomamos como ponto de partida o primeiro dos “dois pontos incontornáveis”, expressos por Pêcheux (*Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, 1997) ao final de seu texto “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, a saber: “*Não há dominação sem resistência*” (idem, p. 304). Compreender essa afirmação de Pêcheux é pensar a relação entre um dizer e as suas rupturas funcionando simultaneamente, pensando assim a possibilidade do resistir como o espaço do dizer outro, como o sentido que se move, ainda que em uma fração de segundos, por causa/e apesar da interpelação ideológica.

Como afirma Pêcheux (1997) neste mesmo texto: “*Apreender até o seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso...*” (PÊCHEUX, 1997, p. 300-301). Se pensamos a condição de ser sujeito como um efeito da interpelação ideológica, admitimos, com Pêcheux (1997), que este “ritual” não se dá “sem falhas”, que há a possibilidade de outro(s) sentido(s), que há a “brecha” por onde irrompem os contrapontos, mas que este espaço do outro dizer também é consequência da interpelação ideológica, da condição de ser sujeito na ambiguidade: sujeito inscrito no simbólico, em sua relação entre língua e ideologia, como afirmado pela Análise de Discurso.

Em Mariani (*O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, 1998), vemos que a autora, ao apresentar o lugar da Análise de Discurso como uma disciplina de entremeio, retoma este mesmo fragmento textual de Pêcheux (1997), sobre o lapso e o ato falho, encaminhando justamente para a reflexão de que os “mecanismos de resistência” também são decorrentes da interpelação ideológica. É ainda de Mariani (1998), na continuidade desta mesma reflexão, a definição que trazemos de resistência “em termos discursivos”, a partir de sua leitura de Pêcheux (1997). Assim afirma a autora: “*E conforme*

Pêcheux, o que é a resistência, em termos discursivos? É a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados. É resignificar rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra (na forma de um lapso, um equívoco), seja incorporando o non sens, ou simplesmente não dizendo nada.” (MARIANI, 1998, p. 26).

Compreendemos, assim, a resistência no discurso como esta possibilidade de “deslocar sentidos já esperados”, a possibilidade da ruptura de sentidos. É pensando deste modo a resistência, como a possibilidade de furar o sentido esperado, promovendo novos modos de significação, por causa e/ou apesar do que pode/deve ser dito, que nos questionamos sobre a possibilidade de pensar a resistência nos espaços destinados à escrita dos sujeitos na mídia. É possível ao sujeito resistir aos dizeres da mídia e marcar esta sua resistência em sua escrita na própria mídia?

Sabemos que é próprio do funcionamento midiático a busca pelo direcionamento dos sentidos, por fazer com que os acontecimentos jornalísticos sejam pensados como referenciais (como se o sentido só pudesse ser aquele) e não como consequências de gestos interpretativos. Mesmo os espaços tradicionalmente destinados à escrita dos leitores, como as cartas de leitores, passam pelo filtro da linha editorial de cada publicação, que constitui a sua própria formação imaginária e delimita o que pode ou não ser dito em cada um de seus espaços. No caso dos comentários em *sites* de notícias, a aparente ausência de edição, tão característica das seções de cartas, cede o seu lugar às normas do que se pode ou não dizer, expressas em documentos como “termos e condições de uso” desses espaços, somente autorizados a leitores/internautas previamente cadastrados no *site*.

Deste modo, é fácil compreendermos que o espaço para uma voz aparentemente contrária em uma seção de cartas de leitores ou dentre os comentários sobre uma dada notícia é parte deste funcionamento da mídia, que tradicionalmente se anuncia como um espaço democrático e plural. A análise que propomos, para além de considerar esta expressão de uma opinião contrária a de uma publicação, tem como foco a possibilidade de o dizer do leitor/internauta deslocar sentidos, fazer um furo na linha editorial, promovendo de fato o comparecimento de sentidos outros que não apenas aqueles previsíveis, que dizem o mesmo, somente com palavras distintas.

Constituímos, assim, o nosso *corpus* de análise a partir de comentários de leitores-internautas em *sites* de notícias na internet e cartas de leitores de impressos, e iniciamos a constituição de nosso dispositivo analítico recorrendo às noções de identificação, contra-identificação e desidentificação, conforme trabalhados em Pêcheux. É deste modo que nos propomos a questionar se o espaço destinado aos sujeitos na mídia não passa mesmo de uma concessão aos leitores, como costumeiramente afirmam os estudos sobre o tema nas Ciências da Comunicação.